

Brasilidade

nas telas



TEM MUITO AMOR envolvido na seleção que Ilda Santiago e Walkíria Barbosa, as diretoras do Festival do Rio reservaram para a cidade na sua esquadra de brasilidades. Dicas? Aí vão:

A PRÓPRIA CARNE, de Ian SBF:

Ninguém é escalado para dublar Don Vito Corleone (Marlon Brando) na versão brasileira de “O Poderoso Chefão” (1972) se não tiver um talento de titã, como Luiz Carlos Persy tem. É hora desse dublador e locutor do Canal Brasil ter espaço nobre num filme. Nesta trama do diretor de “Entre Abelhas” (2015), três soldados desertores durante a Guerra do Paraguai, em 1870, cada um lutando pela sobrevivência à sua maneira, encontram uma casa isolada na fronteira, habitada apenas por um fazendeiro misterioso e uma jovem. O que parecia ser um refúgio seguro se transforma em um pesadelo aterrorizante quando os soldados descobrem que a casa esconde segredos macabros, confrontando-os com um destino ainda mais horrível do que a guerra da qual fugiram. Vinícius Brum assina a fotografia.



Divulgação

A Própria Carne

AS VITRINES, de Flavia Castro:

Representante nacional em no Festival de Biarritz, na França, há uma semana, esta produção forma com “Diário de uma Busca” (2010) e “Deslembro” (2018) o puzzle histórico (e biográfico) de sua realizadora em relação ao jugo ditatorial das Américas. A narrativa se instala no Chile, em 1973, logo após o golpe militar de Pinochet, quando centenas de militantes de esquerda se refugiavam na embaixada da Argentina, à espera de um visto para poder sair do país. Para Pedro (12) e Ana (11), ali alojados, esse confinamento forçado se torna um parêntesis no tempo. Flavia concorre ao Redentor deste ano com “Cyclone”.



Divulgação

Perto do Sol É Mais Claro

CADERNOS NEGROS, de Joel Zito Araújo:

Um dos pilares da luta antirracista no audiovisual das Américas, famoso por ficções como “Filhas do Vento” (2004) e “O Pai da Rita” (2021), volta a se embrenhar pela não ficção, evocando a prosa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), para contar a história da séria literária criada em 1978 em São Paulo. É um olhar para a peleja da população negra para afirmar sua voz na arte da escrita.

OS QUATRO EXÍLIOS DE HERBERT DANIEL, de Daniel Favaretto:

Super-heroína na luta em prol do bem-estar de quem vive com HIV, a doutora Marcia Rachid é uma das vozes que asseguram vigor crítico (e altruísmo) à dramaturgia



Divulgação



Rua do Pescador nº 6

deste retrato do escritor, sociólogo, jornalista e ativista que foi uma figura central na busca de direitos para quem lutou (e luta) com a Aids.

QUERIDO MUNDO, de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin:

Malu Galli ganhou o Kikito de Melhor Atriz em Gramado por esta fábula em P&B que registra a maturidade plena de seu fotógrafo, Gustavo Hadba, na arquitetura de luz. O mesmo vale para a artesanaria de Plínio Profeta com a música. Falabella partiu de uma peça de sua

autoria para retomar a estética do desassossego de seu subestimado “Veneza” (2019) e retratar um amor que – como todo bom e definitivo benquerer – nasce por acaso. No acaso, uma aspirante a arqueóloga (Malu) e um engenheiro fracassado (Eduardo Moscovis) passam a noite do Ano Novo nos escombros do que deveria ser um condomínio de conforto na Zona Sul do Rio. O Cupido vai estourar rojões.

PERTO DO SOL É MAIS CLARO, de Régis Faria:

Responsável pela dire-

ção da pornochanchada inicial de nossa comédia erótica, lá em 1969 (“Os Paqueras”), Reginaldo Faria é um ator de raro carisma, vide “Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia” (1977) e o desempenho como o escroque Marco Aurélio em “Vale Tudo” versão 1988. Já octogenário, ele esbanja viço no papel de um engenheiro de 85 anos abalado com a perda recente de sua esposa, que opta por seguir em frente. A narrativa nos guia por sua rotina solitária, mostrando o apoio dos filhos e sua determinação em escrever um livro. Uma paixão inesperada vai alterar sua rotina.